

Sobrevivência Social do Adolescente e Indicadores de Sofrimento Psicológico.

Autores:

Zuleide Oliveira Feitosa

Maria José Ordoñez

Vania Maria Ferreira

Introdução

O cérebro adolescente passa por transformações complexas. Este é um momento de consideráveis mudanças físicas, psicológicas, cognitivas e socioculturais, sendo considerado, por alguns autores, como período esperado de crise (Carter & Mcgoldrick, 2001). Dessa maneira, a adolescência impõe desafios: em primeira instância, a compreensão do adolescente sobre as mudanças físicas e químicas que refletem no corpo e no modo de sentir e agir do adolescente, devem ser consideradas no curso do desenvolvimento biopsicossocial. Tais mudanças também impactam as capacidades técnicas e domiciliares para o educar, para a convivência familiar, e para alçar o movimento de socialização próprio dessa fase.

Na tentativa de compreender o mundo adolescente e as transformações que o cérebro sofre nessa fase do desenvolvimento, a neurociência vem trabalhando para explicar porque o comportamento adolescente se mostra, de modo geral, tão atípico e pouco compreendido. Nesse sentido, a complexidade do desenvolvimento humano na adolescência, também evidencia que as situações de desafios sociais despertam várias sensações. Uma dessas sensações está associada à ansiedade e ao medo. Seja devido a um ambiente familiar instável, seja pelas mudanças que o adolescente enfrenta em função das transformações que ocorrem no cérebro e no corpo, ou seja devido a ambas. Deve-se admitir que nessa fase as conexões entre o sistema límbico e a área de cognição do adolescente ainda estão precariamente interconectadas (desenvolvidas), visto que as escolhas dos (das) adolescentes não incluem percepção acurada de risco e por isso a noção de causa-efeito- consequência se mostra prejudicada.

O início da adolescência parece ser marcado por uma espécie de *imprinting filial*. Lorenz (1903 – 1989) evidenciou, ao estudar animais recém nascidos, que o *imprinting* é um fenômeno que acontece de maneira instintiva em várias espécies como um comportamento adaptativo. De modo análogo, sugere-se que o comportamento no início da adolescência pode se relacionar com o efeito do imprinting, visto que seguir um grupo ou o líder parece ser uma necessidade. Talvez, seja uma tentativa de adaptar-se ao meio.

Dado o contexto ansiogênico em que os adolescentes vivenciam na família e escola, espera-se que esse fenômeno (*imprinting*) seja parte da complexidade do início da adolescência, visto que o adolescente parece buscar a *sobrevivência social* de maneira instintiva. O que explicaria a ação de seguir um grupo sem conhecer de fato os comportamentos dos seus pertencentes. Estima-se que ao printar (marcar) um grupo ou líder, mesmo que os comportamentos do grupo sejam inadequados ou não para si mesmo, o adolescente segue o que os outros fazem. Por exemplo, o (a) adolescente, quando perguntado (a), não expressa que segue um grupo *a* ou *b*. Ele ou ela simplesmente declara que, por vezes, apenas estão ali seguindo o que os outros seguem. Tal comportamento de imersão parece estar relacionado à necessidade de sobrevivência social (luta pelo sentimento de pertencer mesmo sem saber dos riscos ou das consequências). Assim, parece que o comportamento ocorre de modo mais instintivo, do que de maneira condicionada – *imprinting filial*.

Uma vez admitido que a imersão social durante a adolescência é uma experiência nova e cheia de situações desconhecidas, que coloca o adolescente frente ao desafio da sobrevivência social, estima-se que tais situações parecem ser fonte recorrente de ansiedade e medo. Unindo-se a isso, a ideia de que os conflitos na família podem potencializar a ansiedade, chega-se a seguinte hipótese: os reflexos desses conflitos, no comportamento do adolescente e no ambiente escolar, parecem inevitáveis, visto que a ansiedade de lidar com as novas transformações do corpo e do ambiente podem ser potencializadas por meio das relações conflituosas da família. Tendo como consequência mais imediata.

Diante da retratação da complexidade adolescente, indica-se que os comportamentos gerados como consequência da ansiedade estão a serviço da necessidade de sobrevivência social. Logo, tem-se o desafio de *objetivamente* avançarmos no entendimento do comportamento adolescente a fim de compreender como se dá a imersão social e suas consequências. Na tentativa de

corroborar algumas das suposições anteriormente mencionadas, pode-se citar um exemplo do caso empírico - Intervenção Psicossocial com alunos do Ensino Fundamental de uma escola, no período após a COVID – 19, como será discorrido a seguir:

2 Metodologia

Amostra

Os casos empíricos descritos a seguir se referem aos 52 alunos de uma escola pública que foram atendidos no período de 3 meses por meio do Projeto de Intervenção e Pesquisa Psicossocial, na Educação Básica do Ensino Fundamental-PIPEC. O Projeto está abrigado em uma Escola Pública. Dentre esses alunos 29% declararam passar por conflitos na família, tais como, inaceitação, maus tratos psicológicos e físicos; 23% queixaram-se de ter crises de ansiedade em casa e na escola; 15% declaram sentir baixa autoestima; 13% dizem sofrer *bullying* na escola; e 7% reclamaram de passar por luto (perdas de pessoas queridas, tais como, avós, pai ou mãe. A faixa etária varia entre 9 e 15 anos e a maioria 69%, entre aqueles que eram encaminhados ou procuravam pelo atendimento psicológico, eram do sexo feminino. O perfil dos alunos da referida escola é de classe pobre (E e F).

Procedimento

Seguiu-se com o mapeamento dos casos atendidos. Para cada aluno encaminhado ao atendimento foi realizado o registro da queixa por meio da anamnese e aprofundada a investigação sobre a queixa. Sequencialmente, foi realizada a intervenção necessária junto ao aluno. A intervenção baseou-se na aplicação de técnicas objetivas para intervir nos casos de ansiedade, mutilação e crise de pânico. Também, a escola foi orientada a chamar a família e conduzir ao atendimento psicossocial como ação ativa por parte da equipe da psicologia.

Instrumentos

Foram utilizados a Anamnese, o inventário de ansiedade (Leahy, 2011) e o treino de habilidades sociais (Barbosa, 2020).

Método de Análise

A técnica de estatística descritiva foi utilizada para mapear as principais recorrências de conflito na adolescência identificados no atendimento psicossocial na escola de Ensino Fundamental.

3 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

As três diferentes situações identificadas na pesquisa realizada por meio do Projeto PIPEC, a saber: adolescentes ansiosos, que descarregam ansiedade por meio da prática do *bullying*; adolescentes ansiosos, que introvertem a ansiedade entrando em crise de ansiedade e pânico; e adolescentes, que se punem seja de forma física, por meio da automutilação, seja de por meio do psicológico, a baixa autoestima, ou ainda ou por meio de ambas foram atendidos e socorridos na própria escola. As estratégias de intervenção utilizadas foram baseadas no manuseio da ansiedade (Leahy, 2011) e treino de habilidades sociais (Barbosa, 2020). A adoção de tais estratégias foram razoáveis para se obter êxito nos relacionamentos adolescentes e promover saúde mental.

Outra forma de intervenção complementar foi baseada na adoção da família como parte da situação escolar. Buscou-se chamar alguém da família, responsável pelo adolescente. Uma medida que facilitou ouvir e compreender com mais detalhes a forma estrutural familiar. Não era incomum a situação em que o responsável era chamado e não comparecia à escola, mas ao insistir sempre vinha alguém. Uma das estratégias adotadas pelos atendentes (psicólogo/psicopedagogo/ estagiários) era acolher o responsável pelo adolescente e torná-lo ciente de que não estava ali devido a um comportamento inadequado, dessa forma não deveria ser punido. O responsável era conscientizado que estava na escola em função da necessidade de conhecer melhor o processo educativo e a realidade do adolescente no contexto de aprendizagem. Também, o responsável pelo estudante, ficava sabendo que o apoio e o acolhimento para com o adolescente eram essenciais para a saúde mental de ambos. Por vezes, uma expressão de desespero na face do adolescente era muito recorrente quando se mencionava a necessidade de um familiar comparecer à escola. Havia preocupação da equipe multidisciplinar em esclarecer sobre a participação da família no processo educacional.

Uma das principais considerações que se pode apontar como resultado da intervenção com adolescentes do Ensino Fundamental é que a participação da família, o acolhimento do professor podem ser uma das principais estratégias para o êxito de ampliação da aprendizagem

e a saúde mental. Além do mais, lidar com as transformações comuns a esta fase, possibilita indicar que o acolhimento afetivo, por parte da família e escola, podem ser a base para a evolução das conexões afetivas entre o sistema límbico e a área pré-frontal do cérebro adolescente.

Por fim, evidenciou-se que o comportamento adolescente se manifesta de forma desafiadora tal qual a complexidade do cérebro nesta fase. Dessa maneira, ainda deve-se investigar por meio da pesquisa, para se obter maior clareza sobre o desenvolvimento dos comportamentos e do cérebro. Observou-se ainda, que aos poucos a complexidade pode adquirir novas compreensões a partir de novas investigações. Dessa maneira, entende-se que a necessidade de *sobrevivência social* esboçada pelos comportamentos do adolescente pode ser mais uma explicação pertinente para avançarmos sobre o conhecimento do seu cérebro, bem como para o entendimento de que a sociabilidade do adolescente acontece numa relação recíproca entre sobreviver socialmente e as transformações que acontecem no cérebro nesse período da vida.

REFERÊNCIAS

Barbosa, A. Habilidades sociais: 50 práticas para melhorar as interações com as pessoas. Editora Matriz, 2020.

Carter, B.; McGoldrick, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Leahy, R. L. (2011). Livre de Ansiedade. (V. Figueira, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Lorenz, K. (1943b). Psychologie und Stammesgeschichte. Em G. Heberer (Org.). Die Evolution der Organismen (pp. 105-127). Jena: G. Fischer.

Lorenz, K. (1951) The role of Gestalt perception in animal and human behaviour. Em C.C. Whyte (Org.). Aspects of form (pp. 157-178). Londres: Bradford.

Lorenz, K. (1965). Evolution and Modification of Behaviour. Londres: Methuen.

Lorenz, K. (1969). Innate bases of learning. Em K.H. Pribram (Org.). On the Biology of Learning (pp.19-93). NY: Harcourt, Brace e World.